

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 36 No. 1 Janeiro - Abril 2023

ESPECIAL 40

DA TINTA AO BYTE ENTREVISTA: CRISTIANA BARRETO

Fernanda Codevilla

Veronica Wesolowski

Andrei Isnardis

Fernanda Codevilla: Primeiramente, muito obrigada por ter aceitado fazer parte dessas entrevistas de comemoração dos 40 anos da *Revista de Arqueologia* da SAB¹. Para iniciar essa entrevista, gostaríamos de saber quando foi sua primeira gestão da *Revista de Arqueologia* da SAB e em quantas outras gestões você participou?

Oi, gente, obrigada pelo convite. Primeiro, antes de responder à pergunta, queria dizer que acho bem importante essa iniciativa de vocês de rememorar a história da revista, seja através de seus editores ou de outras ações, porque eu considero que a SAB sempre teve dificuldade de documentar sua própria história. Nós, que trabalhamos com memória, trabalhamos muito pouco a nossa história. Eu tenho alguma experiência nisso e escrevi alguns artigos sobre a história da arqueologia no Brasil, mas a história da revista é uma espécie de um cartão de visita da arqueologia brasileira para a sociedade, é um bom indicador do que produzimos. e então, acho muito relevante essa iniciativa de vocês, e queria primeiro parabenizá-los pela iniciativa.

Respondendo à sua pergunta, eu participei da comissão editorial da *Revista de Arqueologia* na gestão 2014/2015, e foi a primeira e única vez que fui editora. Fui convidada pela Márcia Bezerra durante sua gestão como presidente.

Acredito que foi a primeira vez que convidaram editores que não estavam ligados formalmente a uma instituição; era eu, a Juliana Machado e o Eduardo Neves. No meu caso, e no caso da Juliana Machado, acredito que tenha sido a primeira vez que foram convidadas pessoas que não representavam instituições e que foram escolhidas pela competência ou pelo interesse em levar à frente o projeto editorial da *Revista de Arqueologia*.

Apesar de a Comissão Editorial não ser eleita de forma conectada com a diretoria da SAB, os nomes para compor a comissão sempre aparecem na chapa, quando é proposta a eleição. Essas chapas sempre foram montadas de uma forma muito política, escolhendo uma pessoa de uma instituição de

¹ Sociedade de Arqueologia Brasileira.

cada parte do país. Então, as composições das comissões editoriais acabavam se formando por uma composição política de representatividade de instituições. Uma outra coisa é que, tradicionalmente, as Comissões Editoriais da SAB são compostas por três pessoas; mas havia uma cultura de que quem carregava o piano mesmo era só uma pessoa, as outras ajudavam quando podiam e às vezes tentavam se revezar, mas isso nunca deu muito certo. Eu e a Juliana – até acho que a Márcia nos indicou porque nós já tínhamos trabalhado juntas – temos uma afinidade muito grande, então foi muito legal porque conseguimos de fato tocar esse trabalho juntas. Então foi uma gestão feita a quatro mãos.

Fernanda Codevilla: Nesse momento, quais foram os principais desafios que vocês enfrentaram?

Bom, os desafios foram muitos, muitos. Primeiro porque nós pegamos a revista com um número atrasado e ainda vivíamos naquela dinâmica de que enquanto a revista não tivesse uma regularidade não poderíamos pedir dinheiro para as agências de fomento. E ao mesmo tempo não havia recurso para manter a regularidade. Pegamos a revista após a gestão do Lucas Bueno, que trabalhou sozinho e que estava super sobrecarregado e, portanto, simplesmente não deu conta de fazer o segundo número de 2013. Estávamos com um número atrasado, não tínhamos dinheiro e a nova tesoureira deixava isso muito claro: “Vocês vão fazer essa revista, mas não há dinheiro nenhum para isso”. Além da dificuldade de pegar uma revista com número atrasado, quando assumimos havia somente um ou dois artigos submetidos; não tínhamos quase nada. Ao mesmo tempo, os artigos que chegavam eram todos muito ruins, e ainda submetiam muitos relatórios de pesquisa, apesar de dizermos que a Revista não publicava relatórios. Era uma situação um pouco desesperadora, precisava de uma solução rápida para não atrasar mais um número e a solução que nós encontramos foi fazer um número 2013/2014, para dizer que tinha um número 2013.

A Cristina Bruno e a Camila Wichers tinham feito um simpósio na SAB sobre musealização da arqueologia, então nós as convidamos para fazer um dossiê sobre o tema, acreditando que esses *papers* estavam mais ou menos prontos – não estavam! Foi um trabalhão. Mas foi uma decisão que eu achei bem acertada naquele momento, e dali em diante passamos a publicar um número de dossiê temático da Revista da SAB alternado com um número de artigos de fluxo contínuo.

Os dossiês temáticos da *Revista de Arqueologia da SAB* seriam preferencialmente de simpósios que eram apresentados nas reuniões da SAB (nacionais ou regionais), porque nós já temos uma organização muito legal para esses simpósios e eles realmente apresentam recortes temáticos interessantes e contemporâneos, então por que não aproveitar isso?

Eu considerava importante fazer esse dossiê temático sobre musealização da arqueologia porque acredito que a revista publicava coisas muito ensimesmadas; não dialogávamos muito com outras áreas. A musealização da arqueologia era um tema super maduro: estava se formando a Remaae (Rede de Museus de Acervos de Arqueologia e Etnologia). Havia uma movimentação política desse pessoal que trabalhava na interface da museologia com arqueologia e eu achei que seria bom e saudável para a revista. Foi um dossiê bem importante.

A outra dificuldade era o fato de herdar uma equipe de suporte que tinha sido colocada lá na gestão anterior: um designer que tinha feito o projeto gráfico da revista e uma empresa que hospedava a revista no site da SAB, e tudo isso era muito complicado. Com a falta de dinheiro, esse designer, coitado, não tinha pagamento regular e pedíamos as coisas para ele de favor, e muita coisa nós acabávamos fazendo. Ele fez a primeira capa de favor para nós, e depois que eu entendi o sistema que ele estava propondo, eu mesma passei a fazer as capas.

Um outro desafio enorme era a demanda, vinda da nossa presidenta, de colocar as revistas anteriores online no site da SAB. Isso deu um trabalho imenso, sobretudo porque não tínhamos recurso.

Eu fui passando o chapéu, e o MAE² nos ajudou muito na época graças à diretora, a Cristina Bruno. Precisávamos escanear todas as revistas anteriores num sistema OCR³ que permitisse o recurso de busca dentro do texto; era preciso um lugar que tivesse todos os números da revista e a copiadora com este recurso, além de alguém para fazê-lo. Então, o MAE cedeu a máquina e eu consegui um dinheirinho para um estagiário fazer o escaneamento. O então estagiário era Thiago Kater, hoje doutorando do MAE, que fez isso para nós com a ajuda do Hélio Miranda, bibliotecário do museu. Enfim, foi um esforço conjunto, sempre com aquele pensamento: “será que vai dar tempo?”, porque tudo precisava estar pronto até a data do congresso, onde anunciaríamos que as revistas estavam todas online. Foi uma correria, priorizamos ter essas revistas online em detrimento de outros trabalhos.

Fernanda Codevilla: Como era antes da revista ser digital e ter o sistema? Como funcionava toda a gestão do periódico, como os artigos eram recebidos, como era a avaliação e como era o funcionamento do fluxo editorial?

A revista já tinha versões digitais dos artigos desde a gestão da Denise Schaan, que conseguiu ancorar o site da Revista da SAB a um site de publicações na Universidade Federal da Paraíba – não sei por qual motivo, só sei que depois precisamos ir lá atrás desse pessoal para recuperar esses arquivos.

A gestão editorial, segundo o que soube pelo Lucas Bueno, editor anterior, era mais ou menos semelhante: os artigos eram submetidos por e-mail, só que no e-mail pessoal dele, porque não tínhamos um da revista, e por isso era complicado recuperar o histórico de submissões quando a gestão mudava. Era isso, as pessoas escreviam para o editor ou editora para fazer a submissão, e depois ele ou ela enviava para dois pareceristas. Tinha um formulário muito simples, um roteiro para o parecerista fazer o parecer, e voltava para o editor ou editora pelo e-mail e a coisa ia... Era muito caseiro. Considero que nesse sentido, colocando a revista online com o gerenciamento pelo sistema OJS⁴, demos um salto, profissionalizamos bastante.

Um problema que acho que temos na nossa comunidade arqueológica é que ainda somos muito poucos, então essa questão dos pareceristas anônimos era um pouco relativa. Funcionava mais ou menos, porque muitas vezes que pegamos para dar um parecer sabemos quem escreveu o artigo; e vice-versa, lemos o parecer e reconhecemos o parecerista.

Agora sou editora do *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas* e ainda temos esse problema; por ser uma comunidade pequena, há uma tendência endêmica, no sentido de os grupos de pesquisa se autofavorecerem. Por isso a escolha de pareceristas é algo muito importante, que eu levo muito a sério na minha função editorial. Entendo que devemos convidar as pessoas que trabalham juntas porque, em geral, são as que mais conhecem sobre aquele tema; mas, por outro lado, as pessoas que trabalham em linhas diferentes são as que podem fazer pareceres menos compromissados.

Mas funcionava assim o fluxo editorial, era caseiro no sentido de ser tudo feito por um e-mail, não ter restado muita documentação, ficava na mão de uma pessoa só, que era o editor ou editora, que escolhia os pareceristas, que recebia os pareceres; mas em geral tudo muito, muito correto. Apesar de termos colocado a revista online e gerenciada pelo OJS, até o último momento as submissões ainda eram feitas por e-mail, mas já pelo que criamos para a revista. Muito poucos entravam pelo sistema: as pessoas não estavam acostumadas a fazerem isso e o sistema não funcionava muito bem ainda. Considero que a gestão seguinte precisou se dedicar a consertar isso, pois, como falei, nossa prioridade era colocar os números anteriores online, e essa parte toda da submissão 100% online ficou um pouco a desejar.

² Museu de Arqueologia e Etnologia, da Universidade de São Paulo.

³ Sigla em inglês para *Optical Character Recognition*.

⁴ Sigla em inglês para *Open Journal System*.

Veronica Wesolowski: O que você nos conta é o retrato de uma transição entre um momento em que a revista era totalmente caseira e feita no papel, e um momento em que ela manteve parcialmente esses processos ao mesmo tempo em que inaugurou uma vitrine digital, sem ser totalmente digital. Havia o acesso aos PDFs através do site, mas não tínhamos um gerenciamento editorial que fosse todo realizado pelo sistema. Na sequência é que teremos o momento em que se passa efetivamente para um processo todo digital através do OJS, certo?

Exatamente. Na nossa gestão, deixamos de imprimir as revistas. Isso foi um momento importante, porque teve toda uma geração de arqueólogos mais velhos que não gostaram e demoraram para se adaptar com esse sistema de consulta e acesso online – e que talvez nem tivessem acesso, pessoas que tinham dificuldade de lidar com internet etc. Recebemos muitas reclamações, tanto que no primeiro editorial falamos que nós, arqueólogos que gostamos da materialidade, de ver as palavras no papel, infelizmente tivemos que nos adaptar.

Não tínhamos dinheiro e havia a falsa ideia de que com a revista sendo totalmente online iríamos cortar os custos de impressão e de distribuição e que não precisaria de recurso para revista, sabe? Então ficamos bem limitados, sem poder fazer um novo projeto de uma revista totalmente online mais robusto. Essa foi uma lição importante, e aprendemos que tem que investir recursos humanos e recursos financeiros, enfim, uma série de gastos com as tecnologias.

Quais eram os bônus e ônus de ter a revista totalmente online? Com a revista exclusivamente assim, podíamos fazer muito mais coisas: primeiro, as imagens, que antigamente eram poucas e em preto e branco, porque a impressão colorida custava caro, já não tinham mais limite; podíamos ter imagens coloridas, em altíssima definição e em número maior, o que é particularmente importante para a arqueologia. Também pudemos aumentar o limite de número de páginas, podendo publicar mais conteúdo. Eu propus que um dos tipos de submissão fossem vídeos, o que não vingou muito, mas é um recurso maravilhoso que temos e que deveria ser mais usado, para dar uma dinamizada na linguagem da revista. Neste sentido, foram muitas as vantagens, e não é à toa que a maioria das revistas nessa época estava fazendo esse movimento de se tornarem apenas online.

Fernanda Codevilla: Mas é impressionante o que vocês fizeram. Porque vocês pegaram uma revista que era toda impressa, escanearam tudo, colocaram online, e sem dinheiro nenhum! Um trabalho enorme que vocês fizeram. Sabemos o trabalho que dá, então é impressionante mesmo. É uma dedicação muito além do que só fazer acontecer, significa muita dedicação, muito apego e vontade de fazer acontecer. É impressionante.

Andrei Isnardis: Kica, como vocês viveram diretamente esse movimento de digitalização, queria te perguntar uma coisa que eu fico me perguntando também. Você estava dizendo como foi difícil para algumas pessoas das gerações mais antigas se engajarem nessa história. Mas, ao mesmo tempo, é exatamente naquele momento que o número de estudantes estava crescendo, que é uma rapaziada com desenvoltura e tal. Vocês conseguiram perceber naquele momento que a digitalização e a colocação na plataforma, de fato, impactaram no acesso da revista, sobretudo para os estudantes? Você acha que a galera mais nova se engajou com ela ou continuou sendo acessada pelas mesmas pessoas? Vocês conseguiram perceber isso?

Olha, a resposta infelizmente é negativa. Nós não percebemos isso em termos de mais submissões, talvez mais acessos, sim, mas continuamos tendo problemas de poucas submissões e submissões que não condiziam com o perfil da revista, muitos relatórios de pesquisa de licenciamento etc.

Tenho a impressão de que esse pessoal mais jovem, quando foram criados os novos cursos de arqueologia, novas universidades etc., esse pessoal ficou tão preso aos trabalhos dos departamentos que

eles não publicaram. Acredito que essa onda de mais publicações veio depois; assim, o reflexo dessas novas universidades e cursos de arqueologia vieram depois da nossa gestão.

Agora, um problema que eu acho crônico e não sei se vocês percebem isso, é que nós arqueólogos publicamos muito pouco. Tem poucas submissões, se comparado com o número de projetos de pesquisa que temos e de resultados que saem desses projetos; são muito poucas as publicações. Isso é um problema que tem melhorado ao longo dos tempos, mas tenho a impressão de que o principal incentivo para as pessoas publicarem são as avaliações da Capes⁵, os exames de seleção ou os concursos – “Não tenho nada publicado e eu vou prestar concurso, então tenho que publicar”. As pessoas não têm uma prática, realmente, de síntese dos resultados de suas pesquisas de forma mais cíclica e sistemática, e esse é um problema da arqueologia brasileira, acredito.

Temos esse problema também de publicações internacionais. Nós praticamente não publicamos lá fora, e isso é uma coisa que vem lá de trás, da própria história da arqueologia brasileira, de um contexto de isolamento e de não dialogar com outras áreas de pesquisa, de não dialogar com projetos internacionais. Tem relação com a língua também; tem pessoas que ainda não publicam em inglês, então esse é um problema da nossa área. Por outro lado, se formos comparar com os antropólogos, publicamos muito mais. Os antropólogos prezam pela qualidade em detrimento da quantidade, recusando a ditadura das políticas do “*publish or perish*”⁶, apesar de as avaliações apontarem que eles publicam pouco.

Andrei Isnardis: Nosso programa de pós-graduação na UFMG⁷ é das duas áreas juntas, e fico sempre muito espantado porque é frequente as pessoas se candidatarem ao doutorado sem nunca terem publicado um artigo, sobretudo na antropologia. Na arqueologia, é muito difícil alguém se candidatar ao doutorado sem ter um artigo publicado, e ainda assim achamos pouco, sendo que na antropologia tem menos ainda, sem dúvida nenhuma.

Acho que publicamos mais por sermos uma disciplina numa interface entre humanas, biológicas e exatas. Nós vemos esses movimentos, esses artigos todos saindo na *Science*, na *Nature*, aquele monte de autores com suplementos de dados etc., e nós vemos a visibilidade que isso dá para as nossas pesquisas. Esses artigos que são publicados na *Nature* e na *Science* são uma bola de neve, eles são reproduzidos em outros meios de divulgação científica e jornalísticos, e acabam tendo uma visibilidade enorme. Enquanto os nossos artigos, mais de humanas, mais teóricos, e que são mais pedregosos, dificilmente atingem essa visibilidade. Então acredito que seja um pouco o DNA da arqueologia: estamos entre esses dois mundos.

Fernanda Codevilla: Acho que quando a revista era impressa ela era distribuída aos sócios, certo?

Sim. Nós íamos para os congressos e tinha uma banquinha onde nos apresentávamos, e, se seu nome estivesse na lista, ou seja, se você tivesse pago a sua anuidade, você tinha direito ao número da revista. Se não, não tinha. E, assim, havia toda essa logística que, dependendo de onde fosse o congresso da SAB, era bem complicada. Tínhamos que levar as revistas para lá, levávamos na mala, cada um levava um pouquinho, então era muito caseira a distribuição; não havia distribuição por Correios, por exemplo, como algumas outras revistas tinham, ou sistema de permuta internacional. Na SAB, tínhamos uma correspondência pelos Correios mas não para a distribuição da revista, porque o custo era muito grande.

⁵ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

⁶ Do inglês, “publique ou pereça”, em tradução livre.

⁷ Universidade Federal de Minas Gerais.

Veronica Wesolowski: Nem para as instituições, Kica? Para as bibliotecas?

Não, não me lembro de ir pelos Correios. Era assim: “Você está indo para Belém? Leva um pouquinho e deixa lá na biblioteca”.

Andrei Isnardis: Muito caseiro, tudo apoiado diretamente nas relações pessoais.

Exatamente. Às vezes havia erro de cálculo no número de exemplares publicados; às vezes faltava, às vezes sobravam números de revista impressos. Até hoje tem revistas impressas da SAB que estamos tentando distribuir. Agora mesmo em Belém, no Fórum de Acervos, a Márcia Bezerra nos alertou: “Olha, eu tenho um monte de revista da SAB aqui, vamos dar de brinde”. Tinha isso, às vezes faltava, às vezes imprimia demais, tinha esses problemas, não éramos profissionais, gente.

Veronica Wesolowski: Ao passar para uma plataforma que é online, de livre acesso, se expande muito o público atingido, não? Não são mais só os sócios que recebem a revista. De certa forma, ao se tornar digital, esse acesso que antes estava restrito se democratiza.

Isso mesmo! E também abre a arqueologia para outras áreas. Por exemplo, uma pessoa da biologia que está pesquisando uma certa palavra-chave acaba caindo num artigo de arqueologia publicado na revista, então isso é muito importante também. Essa é uma coisa que eu insisto muito, que nós somos muito ensimesmados, e isso é ruim para a gente, temos que dialogar mais com as outras áreas.

Andrei Isnardis: E temos uma área tão charmosa, porque sempre que apresentamos ela para as pessoas, as pessoas têm uma predisposição muito favorável à arqueologia, diferente de outras áreas. Acho que nos valem pouco disso.

A palavra arqueologia é uma palavra mágica, porque imediatamente suscita o imaginário das pessoas e a curiosidade. Que bom que o nome da revista é *Revista de Arqueologia*.

Veronica Wesolowski: Queria retomar a tua observação de que é um equívoco pensar que, ao parar de imprimir, os custos desaparecem. É preciso trabalhar com a perspectiva de que esse novo formato também exige a profissionalização, de que ele também precisa ter investimento. Penso que estamos em uma outra fase editorial agora, que se configura no começo da pressão pela divulgação de dados originais vinculados como material suplementar, vinculados aos artigos e com DOI específico. Como é que você vê esse desafio da extroversão do dado que as agências de fomento começam a nos pedir para uma publicação como a revista da SAB?

Olha, considero que na nossa área temos muitos lugares onde as pessoas podem acessar esses dados. Eu não sei se a *Revista de Arqueologia* precisa tanto seguir essa linha, que vem muito das ciências exatas e biológicas, que tem aquele monte de dados estatísticos etc.

Os laboratórios de pesquisa quase todos têm seus sites hoje, e podem publicar na internet isso, porque é muito custoso fazer, publicar anexos, suplementos de dados com DOI específico; é trabalhoso e também envolve todo um outro sistema de avaliação por pares. Considero que na arqueologia não precisamos tanto disso.

Mas essa é minha posição pessoal, de quem vem mais do lado das ciências humanas e que não vê tanta necessidade dos pacotes de dados suplementares; mas é sim uma tendência que está vindo das ciências exatas e biológicas, e nós, como estamos no meio, ficamos com esse dilema, mas não acho que seja prioridade hoje para a arqueologia. Acho que nossas questões são outras, como aumentar o público, entender o público leitor, como divulgar a revista, questões éticas, de plágio, temos muito problema com isso no *Boletim de Ciências Humanas do Museu Goeldi*, então essas são as questões que imagino que a Revista da SAB deve estar lidando também.

Quanto ao financiamento, essa ideia que as pessoas têm de que pelo fato de não haver impressão é “só criar um link”, que não tem custo, eu vivi na pele. Nós ligávamos para o designer e falávamos que a revista seria só online e que a paginação não seria mais por colunas, que ficava muito ruim para ler online com duas colunas, aí ele falava: “então faz assim”, e eu reformatava no word mesmo; ou então, “qual a fonte melhor para ler online?”, e mudávamos para a fonte que ele recomendava.

Mas era isso, ele recomendava e nós executávamos o projeto gráfico da capa, que era sempre duas imagens, com a faixa no meio, e o título da revista numa determinada cor – que seguia sendo a mesma nos dois números do mesmo volume e depois no ano seguinte mudava de cor. Era uma ideia bem legal que eu vi que ao longo dos anos e que foi sendo abandonada, mas fazíamos isso de uma forma absolutamente artesanal para manter a identidade da revista.

Fernanda Codevilla: Os indexadores nos pedem coisas que são de outras áreas e com as quais não nos identificamos como uma revista da área de ciências humanas, e aí ficamos contra a parede, porque se simplesmente não fazemos porque não tem a ver conosco nós não conseguimos cumprir com o que é exigido e não entramos na indexação. Então, temos que ficar medindo o esforço até onde damos conta de ir e ao mesmo tempo se forçar, senão não conseguimos...

Até onde vale a pena, na verdade, cumprir esses requisitos todos?

Veronica Wesolowski: Isso nos leva para uma discussão sobre política editorial também, uma política de mercado editorial científico que, cada vez mais, tem empurrado as revistas científicas para a mão das grandes editoras como única forma de se manter competitivas. Mas queremos garantir nossa isenção e manter uma revista que é totalmente gratuita sendo financiada pela SAB. Isso é um desafio. Como você enxerga esse desafio de continuar funcionando, continuar vivo, continuar potente dentro desse mercado que nos empurra para uma lógica de produção comercial?

Acredito que a independência da revista da SAB é um ganho enorme, inclusive a independência em relação à própria diretoria da SAB, e é muito importante que as pessoas saibam disso. A Comissão Editorial tem total liberdade e não responde necessariamente às políticas da diretoria da SAB.

Na nossa gestão, teve um caso interessante: estava ocorrendo a transição para a gestão seguinte quando publicamos um dossiê que era sobre arqueologia comercial, resultado de um simpósio que foi feito lá no Rio Grande do Sul e organizado pela Adriana Schmidt e o Cristóbal Gnecco para um Intercongresso do World Archaeological Congress (WAC). Obviamente, era algo com uma visão muita crítica sobre a arqueologia de contrato, arqueologia de licenciamento; estava bem na virada da gestão, fizemos até conjuntamente, não foi, Fernanda? Foram as duas comissões editoriais.

Em um belo dia, recebo um telefonema do novo presidente da SAB perguntando: “Como vocês publicam um artigo sem consultar a diretoria? Estou recebendo muitas reclamações”. Foi a primeira vez que eu recebi algum tipo de demanda da diretoria sobre o conteúdo que estávamos publicando e, na verdade, ele estava chegando, e ainda se adaptando com esta relação com a Revista. Esse foi o único evento que eu me lembro que tenha acontecido e não foi nem interferência, foi mais um querer saber, por parte da diretoria, o que se passava. Acredito que essa independência da diretoria da SAB é muito importante, e o fato de não sermos financiados por grupos privados também é muito importante. Na época, procuramos a Beta Analytics para um patrocínio que chegou a ajudar em algum momento a revista da SAB, mas no fim achamos melhor não ter compromissos comerciais com ninguém.

Nós estamos realizando um trabalho editorial divulgando conhecimento científico que precisa ser absolutamente descompromissado de empresas. Nós recebemos algumas propostas de empresas de arqueologia interessadas em financiar a Revista da SAB em troca de propaganda, e nós dissemos: “Não”. Porque eu considero essa independência fundamental para o conhecimento científico. Acredito

que enquanto pudermos resistir a essa onda atual mercantilista em que é necessário pagar para publicar o conhecimento científico de forma aberta devemos resistir; é a nossa liberdade que está em jogo. Eu vejo outras revistas científicas também resistindo, e acredito que é muito importante. Há pessoas, por exemplo, no mundo acadêmico, na área de humanas, que não publicam em revistas para as quais é necessário pagar para publicar. Então, se há uma tendência para um lado, há também uma tendência para o outro. Diante disso, é muito importante saber de que lado da história nós estamos.

Veronica Wesolowski: Você considera que para a efetividade dessa resistência os sócios da SAB precisam assumi-la para si também? Afinal, essa independência da *Revista de Arqueologia* só é possível porque a SAB a financia e quem financia a SAB são seus sócios.

Eu entendo que sim. É muito importante os sócios saberem o que é feito com o dinheiro da anuidade deles. A SAB está preparando uma campanha sobre isso. Inclusive, por participar da Comissão de Seleção da SAB, agora vejo que as pessoas não se filiam porque não entendem para onde vai o dinheiro e qual a vantagem de ser sócio da SAB. Então, a primeira coisa é deixar isso claro, e nós iremos publicar nas redes sociais o primeiro *card*: “Para onde vai o dinheiro da sua anuidade?” Vai para a *Revista de Arqueologia*, para a organização dos congressos, para pagar os gastos com serviços jurídicos etc. É muito importante que as pessoas tenham a consciência disso.

E considero muito legal essa movimentação dos 40 anos da revista justamente para vocês falarem sobre isso com os sócios. Poder dizer: “Vocês são os nossos financiadores. E é graças à anuidade que vocês pagam que nós conseguimos manter essa independência, autonomia e publicar conhecimento científico de alta qualidade. Se não fossem vocês, nós não conseguiríamos”.

Não só, aliás, o pagamento das anuidades; os sócios contribuem muito fazendo os pareceres. É muito importante agradecer e reforçar a importância do sistema de avaliação por pares. Sabemos o quanto é difícil receber e atender uma solicitação de parecer. Precisamos parar tudo o que estamos fazendo, redigir o parecer, cumprir o prazo estabelecido. Quanto mais rápido dermos o parecer, menos parado vai ficar o processo editorial, vai dar agilidade para a revista, o que interfere consideravelmente na sua avaliação e potencial para financiamento pelas agências de fomento. Então, acredito que é importante que eles saibam qual é o seu papel enquanto sócios da revista e enquanto pareceristas também.

Andrei Isnardis: Algo a reforçar, não é. Kica? Colocar no Editorial, mas também levar para as assembleias, que é o momento de dar as notícias do período, mas que seja um momento também de enfatizar – isso sempre está lá, mas aparece apenas como mais um elemento como vários outros – essa opção política da revista, e o papel dos sócios nela. É muito interessante observar que essa é uma questão geopolítica: como vários periódicos da América do Sul têm resistido a essas políticas dos periódicos europeus ou norte-americanos de transformar isso em mais um negócio. Vejo como uma dimensão importante para chamarmos os sócios a participarem. Sobre os pareceres, penso que isso tem a ver, centralmente, com uma construção de comunidade.

Exato.

Andrei Isnardis: Tem a ver com a reciprocidade também. Eu contribuo e alguém contribuirá comigo. Há um campo para ser explorado na interlocução com os sócios.

Sim. Nas assembleias da SAB, sempre há um espaço para fazer o relatório final da gestão da *Revista de Arqueologia*. Porém, essas questões do papel dos sócios como pareceristas, como financiadores da revista, não são enfatizadas. No final da nossa gestão, eu fiz questão de agradecer em público aos pareceristas, porque é o mínimo que podemos fazer. Isso gera um senso de comunidade. E somos uma comunidade relativamente pequena e coesa, apesar das várias linhas diferentes de pesquisa ou de

atuações. E há vantagens em ser uma comunidade pequena e coesa também. Eu acredito que precisamos explorar essas vantagens e deixar claro que a Revista da SAB é uma construção coletiva.

Andrei Isnardis: Kica, pensando que as entrevistas também são documentos e naquilo que nós podemos deixar para a galera continuar ouvindo e pensando depois, queremos te perguntar o que você daria de sugestões, quais dicas você daria para as pessoas que se aventurarem a editar a revista no futuro?

Acredito que esse trabalho que está sendo feito nas redes sociais é muito importante; acredito que devemos dar mais visibilidade para todo esse esforço, esse trabalho, que é feito de uma forma tão séria e criteriosa na *Revista de Arqueologia*.

Então, isso que eu falei sobre os artigos serem transformados em outras peças de divulgação científica, que não sejam apenas para a comunidade arqueológica, transformando isso numa linguagem mais sintética, mais fácil, mais para leigo, acho isso muito importante. Nós, às vezes, na *Revista de Arqueologia*, estamos muito preocupados com questões internas da própria arqueologia, mas nós nos fortaleceríamos muito se conseguíssemos dialogar mais com as outras áreas.

Outra coisa é tornar a revista mais dinâmica, mesmo quanto à linguagem, incluir vídeos, entrevistas; temos tantos recursos digitais que não estão sendo explorados. Acho que seria muito importante, por exemplo, que a revista pudesse ter um espaço de memória da arqueologia, com entrevistas das pessoas mais velhas, pessoas que tiveram papéis importantes na arqueologia brasileira. Poderia ter ensaios artísticos, pois essa interface entre a arte e a arqueologia pode dar uma visibilidade enorme. Estamos vendo hoje em dia esse movimento da arte indígena contemporânea trazendo muitas questões que estamos falando há centenas de anos e ninguém nos ouve, e, com uma obra de arte, ou uma frase como “O futuro é ancestral”, eles conseguem ter um impacto maior. Acredito que seja isso, a memória da nossa área, interface com outras áreas e tornar as linguagens mais dinâmicas e mais acessíveis através das redes sociais, o que vocês já estão fazendo. Essas são as minhas sugestões, além de prezar pela nossa independência e autonomia, que é o que nos garante a qualidade do que está sendo publicado.

Andrei Isnardis: E parte dessas coisas são alcançáveis, agora que estamos nesse movimento de consolidar a profissionalização, tanto da gestão do sistema quanto da edição que sempre deu muito trabalho. Essa profissionalização ajuda muito, pois se consolidarmos esses meios de operação nós teremos mais energia, e quem vier depois terá mais energia para se dedicar a outras iniciativas.

A SAB chegou a ter em uma época um jornalzinho que era o *Arqueologia em Debate*, que levantava temas polêmicos e ouvia pessoas. Essa era uma ideia muito bacana.

Eu escrevi um artigo nele, inclusive, que eu fico tentando recuperar pois acredito que falei coisas importantes, mas não está mais online. E isso me deixa meio chateada, porque a SAB já fez tanta coisa legal que depois se perde. No *Arqueologia em Debate*, que foi editado pelo Lucas Bueno e a Juliana Salles-Machado, foram levantados temas importantes, e essa poderia ser uma outra linha. Hoje em dia acredito que esse trabalho do *Arqueologia em Debate* poderia ser feito através das redes sociais.

Buscar conhecer o público da revista, o que vocês já estão fazendo, já que lançaram um formulário para conhecer melhor os leitores. Há mesmo um movimento geral dentro da comunidade de pesquisar melhor quem nós somos, com aquele outro projeto “Perfis”, feito por outra equipe. A própria SAB passou alguns formulários, mas isso não tem sido muito coordenado. Vejo que tem pessoas ou grupos tomando iniciativas de formas muito próprias e fragmentadas, e a *Revista de Arqueologia* talvez pudesse publicar os resultados dessas pesquisas sobre quem nós somos.

Outra coisa são as campanhas da SAB. Fizemos uma campanha de ética na prática que também poderia ser veiculada pela *Revista de Arqueologia* ou nas redes sociais dela. Produzimos um material de referência, uma cartilha sobre assédio sexual na arqueologia; este e outros materiais produzidos pelo comitê de ética poderiam ser publicados pela revista.

Veronica Wesolowski: Para finalizar, qual seria para você a importância da revista para o desenvolvimento da arqueologia no Brasil?

Bom, a importância da *Revista de Arqueologia* para a arqueologia no Brasil é enorme. É o principal órgão de publicação dos trabalhos científicos em arqueologia, e ponto. Eu penso também que é onde conseguimos medir o que está acontecendo na arqueologia brasileira.

É uma espécie de índice do que está acontecendo na arqueologia brasileira, então, considero a revista muito importante. Além disso, ela vem aumentando sua transparência, sua profissionalização. É também um instrumento que permite pesquisar a própria história da arqueologia, a própria prática dessa área no Brasil. Considero isso bastante importante. Eu gosto de fazer esse trabalho de editoria justamente para me manter afinada com o que está acontecendo dentro da arqueologia. É interessante você ver o que os mais jovens estão usando de referências teóricas após tantas viradas epistemológicas dentro da nossa disciplina e de disciplinas irmãs; como os grupos de pesquisa estão se organizando; quem está dando voz a qual tipo de linha dentro da arqueologia global. Então, é um termômetro, realmente, muito importante do que está acontecendo na arqueologia hoje. O fato de termos dossiês temáticos e publicações em fluxo contínuo (artigos avulsos) dá uma boa ideia do que está acontecendo na arqueologia.

Claro que existem outras boas revistas que também publicam arqueologia, mas é na *Revista de Arqueologia* que nós sempre pensamos primeiro. Eu, pelo menos, penso. E o fato de ela ter se tornado Qualis A1 agora é muito importante, porque as pessoas talvez preferissem publicar em outras revistas que eram mais bem avaliadas na Capes – e sabemos como isso conta em currículo e em concurso, sobretudo. Porém, agora não. Agora nós estamos no topo, e parabéns a vocês que trouxeram essa revista para cima.

Quando eu soube da notícia, fiquei tão contente! Não sei por que eu me sinto assim, ainda meio “mãe” da revista da SAB. É uma história de muita gente envolvida, na verdade, percorrendo um longo caminho. Agora, é a vez de vocês de traçarem as novas rotas!